

# O LOULETANO

JORNAL PROGRESSISTA—DIRECTOR POLITICO E EDITOR RESPONSAVEL J. P. LAXA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, paga adiantada, 500 réis; semestre, 900 réis; anno, 1200 réis; numero avulso 40 réis. Para fora de Loulé acresce o preço das estampillas. Toda a correspondencia deve ser dirigida a Pablo Garcia Delgado, administrador d'este jornal, rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou rua da Barbacem 10 e 12—Loulé.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por linha 40 réis; annuncios, por linha de typo comum, 20 réis annuncios permanentes, ajuste particular. Annuncia-se qualquer publicação litteraria recolhendo-se 2 exemplares. Os originaes enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

## LOULÉ

Acostumado aos petulantes actos d'uma longa dictadura, o governo, logo ao abrir o parlamento, revelou, pela falla da corôa, os seus intuitos de continuar no caminho despotico que tem trilhado desde a sua ascenção ao poder.

Sem respeito algum pelas principaes forças do paiz, tudo amesquinhando internamente pela corrupção e pela violencia, atrevidamente; com um cynismo revoltante, tendo acolhido os protestos das consciencias justamente revoltadas contra os seus actos, o nosso paternal governo nunca se pejou de praticar as mais baixas vergonhas ante o estrangeiro, expondo o paiz que o tem tolerado aos mais ignominiosos ridiculos,

E, como se não bastassem as vilezas praticadas na questão com a França, no abandono de Kionga, e as subservencias na questão brasileira, poz o governo na bocca do monarcha palavras de immerecida censura á corporação da nossa armada, que em todos os tempos tem sido um modelo de virtudes civicas.

Mas não era a corporação da armada que se pretendia ferir, dizem ou pretendem explicar agora os órgãos do governo, vivavam unicamente dois officiaes de marinha, que no Rio de Janeiro commandavam os navios portuguezes, as palavras que no discurso da corôa se referem apenas attentiosamente á marinha de guerra.

E' uma tristissima explicação, um grosseiro subterfugio, que admittido mesmo, não tira ao governo a pesada responsabilidade de fazer a accusação de dois officiaes, que ainda não foram julgados, pela bocca do chefe do estado em plena sessão da abertura do parlamento.

O que se vê claramente é o proposito do rebaixamento ante as imposições do mar echal Floriano Peixoto, que, segundo parece, é quem manda em Portugal; intimou ha pouco a saída do sr. Hintze da pasta dos estrangeiros, o que promptamente se executou, e tem provavelmente continuado a instar pela condemnação ou exautoração dos officiaes de marinha processados pela attitude que assumiram nos acontecimentos da revolta brasileira.

Que importa ao nosso governo que esta ou aquella corporação seja desconsiderada?

Não tem porventura o exercito satisfeito e a seu favor?

O resto nada vale.

A nossa marinha de guerra é pouco numerosa e embora a muita respeitabilidade dos membros que a compõem, não terá força para fazer vingar qualquer protesto por mais razoavel e justo que seja; não será pela força moral que os homens que por ahí mandam a torto e a direito largarão as cadeiras do poder: têm a *força* da corôa, a *confiança* da opinião, a *amizade* do estrangeiro, a arrogancia para commetter todos os desatinos, o servilismo para se submitter a todas as imposições que venham de fóra do paiz.

E com taes elementos e qualidades deve eternisar-se uma tal situação, para flagello e vergonha do paiz.

### O insulto á nossa marinha

O discurso da corôa na abertura do parlamento abandonou as delicadezas do costume que não são mais do que requintadas falsidades para tomar este anno uma nova phrase cuja *honra* pertence ao menino Carlinhos, o *menino virtuoso*, da actual situação, hoje á frente do ministerio dos estrangeiros, que segundo dizem foi o organisador da *notavel* obra, que acres e justas censuras tem levantado por toda a parte.

O discurso da corôa foi duplamente falso. Falsamente bajulador para com o exercito e falsamente grosseiro para com a briosa classe da nossa marinha de guerra.

O actual ministerio para não se afastar do caminho trilhado até aqui, collocou na bocca do rei um insulto á marinha, arremessado publicamente na solemne sessão da abertura do parlamento; mas—demonstração honrosa para aquella classe—esse insulto é sacudido por toda a parte, de norte a sul e o governo e a corôa ficam collocados n'uma bem pouco invejavel situação.

Felizmente a nodoa que o ministerio, onde se acha um official de marinha, quiz lançar sobre aquella corporação só conseguiu levantar um unisono clamor contra o insulto que não tem por si razão alguma que o justifique.

Todos sabem como a nossa marinha sempre se tem portado nós mais dificeis transe; todos sabem como ella tem defendido palmo a palmo o territorio das nossas colonias, hoje perdidas na sua maior parte pela immoralidade governativa; todos conhecem que é ella que sempre tem mantido honrada e impolluta a bandeira nacional com sacrificio de mu-

tas vidas dos seus membros; ninguém ignora que nas circunstancias mais difficiliosas da nossa vida, onde primeiro se tem recorrido é á marinha.

Não vae muito longe ainda a última expedição organisaada para a defesa dos nossos interesses em Africa.

E qual foi o corpo do exercito de terra que foi encarregado de suffocar a rebelião do gentio contra nós?

Nenhum!

Recorreu-se mais uma vez e como sempre, ao auxilio dos nossos marinheiros, cujos relevantes serviços já naturalmente estão esquecidos pelos senhores da governação; mas se estes têm tão pouca memoria não acontece isso á nação, que inteira conserva bem viva coragem, o denodo, a valentia, com que os nossos marinheiros e officiaes combatem em defesa da bandeira da nossa patria, esforçando-se sempre por a tornar respeitada em toda a parte, onde o seu auxilio seja reclamado.

E é a uma classe d'esta ordem, tão respeitada e tão querida de todos, que se arremessa um insulto de tal jaez?

Que demencia vos atacou, senhores da governação! Julgaveis que ficaria impune a vossa infame obra? Cuidaveis que a imprensa, e com ella o povo inteiro, não havia de protestar com todas as suas forças contra uma affirmação tão falsa, collocada na bocca d'el-rei?!

Uma das instituições, talvez a unica que ainda atesta a existencia das nossas altivas glorias e que herdo o brio e pundonor dos nossos antepassados, é precisamente a corporação da armada.

E' ella ainda hoje respeitada e muito considerada por todas as nações, pelo seu nobre e levantado proceder, pelo seu comportamento e disciplina inquebrantavel, que póde servir de exemplo á marinha de muitas potencias superiores.

Custa-nos a crer que, fazendo parte do actual ministerio um official de marinha, ao ouvir ler a phrase offensiva da dignidade da corporação a que pertence não tivesse immediatamente protestado contra ella, pondo inclusivamente, como era seu dever, a sua pasta sobre aquella phrase.

Somos mais propensos a crer que este official foi ludibriado, tendo os seus collegas abusado da sua boa fé, e que a phrase—*em regra*—hoje já conhecida de todos não lhe foi lida em conselho de ministros quando se tratou da approvação do discurso da corôa.

Mas ainda n'este caso cumpria ao sr. ministro da marinha pedir immediatamente a

demissão do seu cargo, fazendo-se solidario com a officialidade na offensa recebida, e n'aquella mesma camara onde a injuria foi proferida pedir, como deputado, ao governo uma cathorica explicação e plena satisfação para a sua classe.

D'outro modo todos julgarão que o sr. ministro da marinha é, não só conivente, mas até solidario na offensa feita, sem razão plausivel, á briosa corporação de que faz parte.

E não valerão já os sophismas, ou falsas interpretações que os jornaes affectos á situação queiram dar á phrase—*em regra*—que certamente ha de ficar celebre nos annaes da historia como documento vivo da ineptia governativa do actual ministerio e como mais uma demonstração das muitas vergonhas por que tem feito passar a nação.

### Novo governador civil

Foi nomeado governador civil do districto de Faro o sr. dr. Virgilio Francisco Ramos Inglez.

Esta nomeação era de ha muito esperada, e, embora se soubesse que alguns politicos em evidencia no districto a combatiam, não suprehendeu ninguém, ou porque na opinião se havia radicado a idéa da força politica do sr. dr. Virgilio, ou, emfim, porque as crenças nas *omnipotencias* começavam a abalar-se.

Fosse porém como fosse, o que é certo é que está investido na magistratura superior do districto o sr. dr. Virgilio, em substituição do sr. dr. Matheus.

Politica a mesma: regeneração *fervilhacea*.

Quanto a administração poderá variar, com a differença das condições individuais.

E' incontestavel a superioridade do sr. dr. Virgilio, sob este ponto de vista, sobre o sr. dr. Matheus.

Algarvio purissimo, dotado de poderosas faculdades intellectuaes, com uma variedade prodigiosa de aptidões praticas, conhecendo a fundo a provincia, onde é geralmente muitissimo estimado, com restricta obrigação de conhecer toda a engrenagem politica do districto, o sr. dr. Virgilio acha-se nas circunstancias de poder desempenhar distinctamente o logar com que foi honrado pelo seu chefe politico e para o qual era de ha muito indigitado pelos seus numerosos correligionarios e patricios.

Confiamos que assim succederá, e será

## 3 FOLHETIM

### DANAE

Casualmente, porém, o marquez soubera do conflicto que, sob o aspecto de um Felix, ameaçava a princeza. Essa inesperada revelação subiu-lhe á cabeça como uma embriaguez...

—Decididamente, princeza, lastimo profundamente que o quadro não se venda.

—Supponhamos que se vende, marquez. Em quanto o avaliaria?

—Na quantia que a princeza fixasse; cincoenta mil francos, cem mil francos...

—Falla sério?

—O mais sério que se póde fallar.

—Está doído! Felizmente para o seu *porte-monaie* a Danaé pertence a meu marido, que não altera, por caso algum, a harmonia das suas colleções.

—Quando regressará o principe?

—Depois d'amanhã.

—Princeza, murmurou Latour, aproximando-se de Olga e envolvendo-a em um olhar ardente e profundo, aprecio tanto a Danaé,

que consentiria em deixal-a estar na sua sala, se quizesse prometter-me que ella me pertenceria amanhã...

A princeza estremeceu, os seus olhos dardaram em clarão electrico que se apagou de subito no veu das pestanas. Em seguida, fitou o marquez, cujo rosto, pallido e intelligente tinha n'essa tarde uma expressão verdadeiramente seductora.

—Danaé estará em sua casa amanhã; ás tres horas, disse Olga a meia voz, fechando os olhos.

Latour inclinou-se, beijou-lhe a mão e balbuciou com voz tremula.

—Obrigado, princeza.

Na manhã immediata, o marquez correu todos os cambistas de Paris, no intuito de obter cem mil francos em oiro novo.

Em seguida, mandou sair todos os creados e esperou.

A sua *Garçonière*, situada no *faubourg Saint-Germain*, reunia aos prodigios de opulencia, phantasiados por um millionario, os delicados caprichos de gosto e arte de um fino entendedor. Sobre um estrado de velludo azul erguia-se um maravilhoso leito do seculo XVIII, absolutamente igual áquelle em

que se reclinava a Danaé do quadro. Aos pés do leito fluctuava uma nave de tule.

A sala que precedia a alcova, mobilada no genero oriental, adaptava-se harmoniosamente á decoração. Atravez das cortinas e reposteiros, hermeticamente corridos, penetrava uma luz discreta e loira de um encanto vago...

As tres horas Danaé entrou em casa do marquez Latour.

A chave de Paris, miuda e lenta, fustigava os vidros e escorria em gotas tremeluzentes dos lilazes do jardim, quando a princeza Olga Lastorff entrou na casa do jantar onde era esperada pelo marido, que chegára havia algumas horas. O corpo esbelto e esculpturalmente modelado de Olga desenhava-se em uma *robe de chambre* de velludo preto, cingida no pescoço com uma fina renda de Braxellas. Um molho de violetas de Parma floriava-lhe o peito.

—Bom dia, principe, divertiu-se? que tal foi a caçada?

—Esplendida minha querida Olga.

—Parabens.

E assentaram-se defronte um do outro. De subito, na occasião em que ia desdobrar o

guardanapo, Olga empalideceu. Dentro do guardanapo estava um bristol, contendo a factura do Felix e a photographia do quadro de Danaé, acompanhada de um Jupiter, que era o retrato do marquez de Latour.

Sem parecer notar o espanto de sua mulher, o principe descascava uma *écrivisse*.

A essa mesma hora o marquez, recebia outro bristol igual.

Porque arte magica advinhára o principe o novo e singular expediente adoptado pela princeza para saldar as suas facturas.

Problemas, cuja solução só poderia ser-nos dada por uma dama de companhia expansiva e por um masso de notas convincente.

A princeza teve uma congestão cerebral, contra a qual se empenhou a sciencia alvoroçada, que só foi vencida pela sua mocidade exuberante.

Durante a convalescença pensou maduramente, o que nunca fizera na sua vida, e resolveu suprimir por uma vez os marquezes tentadores e os costureiros ruinosos.

O principe, esse não resolveu nada e continuou a arruinar-se impunemente.

sempre com a maior satisfação que nós, militando em campo político opposto ao do illustre governador civil, registraremos e louvaremos todos os actos que effizadamente possam contribuir para o bem da provincia do Algarve.

O que não quer dizer que poupemos a censura sempre que a julgarinos merecida.

A antiga e intima amizade que nos liga ao sr. dr. Virgilio Inglez nunca nos fará esquecer o que devemos ao nosso credo politico e á nossa dignidade de jornalista.

As nossas relações particulares com o sr. dr. Virgilio Inglez estão de ha muito completamente separadas de tudo o que possa dizer respeito a politica.

Necessitamos dar estas explicações bem claras para que não possam tomar vulto as intrigas de certo *potentado* politico que de tudo costuma lançar mão para conseguir os seus fins.

Governe o sr. dr. Virgilio com as idéas do seu partido, que nós por cá iremos mourejando com as idéas do nosso.

E amigos como sempre, ainda que não agrade ao *omnipotente*.

As nossas felicitações ao nosso velho e querido amigo acompanhadas dos nossos respeitos pelo illustre magistrado, nosso adversario politico.

Esteve hontem n'esta villa o nosso particular amigo sr. dr. José Lapa Fernandes Manoel, Deão da Sé de Faro e distincto advogado d'esta provincia.

Chegou na sexta-feira a esta villa, acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> esposa, e tomou hontem posse do lugar de medico do 3.º partido municipal, para que foi nomeado, o sr. dr. José Bento Barahona Fragoso.

**Chegadas e partidas**

Regressou da praia de Albufeira o nosso amigo sr. Joaquim Claudio Raphael Pinto, digno secretario da camara, acompanhado de sua familia.

Com sua esposa e sobrinho voltou tambem da mesma praia o nosso amigo sr. Sebastião Drago d'Azevedo Lobo, digno escrivão de direito d'esta comarca.

O nosso amigo o sr. Joaquim de Souza R. Faisca e sua esposa já regressaram a sua casa n'esta villa.

Da praia da Armação de Pera recolheu a sua casa com sua familia o nosso amigo sr. João Diogo Mascarenhas Netto, digno recebedor d'esta comarca.

Na terça-feira de manhã partiu para Villa Viçosa o sr. Ignacio Clemente da Costa, tio do nosso redactor sr. dr. Manuel Mexia de Mattos.

Acompanhavam-o sua esposa e filha mais nova.

Parte hoje á tarde para Lisboa o nosso particular amigo sr. Sebastião R. Corrêa, que vaé acompanhar ao collegio de Campolide, seu irmão, o nosso amiguinho sr. Antonio R. Corrêa.

Já regressou de Lisboa, onde foi prestar juramento, o nosso velho amigo sr. dr. Virgilio Francisco Ramos Inglez, ultimamente nomeado governador civil d'este districto.

Retira hoje para Lisboa e d'ali segue para Moçambique o nosso amigo sr. Jacintho Honorio José de Moura, brioso official do Ultramar.

Que faça uma feliz viagem e gose por lá sãde é o que sinceramente lhe apeteçemos.

Jacintho Honorio José de Moura, tendo de retirar para o Ultramar, em consequencia de terminar o praso da licença que aqui tem estado gosando e não podendo, como desejava, despedir-se pessoalmente de todos os seus amigos, e mesmo receioso de commetter alguma ommissão na sua despedida, fal-o por este meio agradecendo ao mesmo tempo a todos a maneira obsequiosa como o têm tratado e offerecendo-lhes o seu minguado prestimo em Moçambique, para onde vaé residir.

Loulé, 6 d'outubro de 1894.

Já tomou posse do lugar de sub-delegado do procurador regio n'esta comarca o nosso amigo e bacharel sr. Antonio Maria Fructuoso da Silva, que exercia idêntico lugar na comarca de Faro.

**Passamento:**—Finou-se em Olhão na terça-feira finda, o rev. Lourenço Antonio Pires, prior de Quelfes.

Paz á sua alma.

**Estadas**

Acompanhado de suas ex.<sup>mas</sup> esposa e irmã vimos na terça-feira n'esta villa o sr. Rodrigo Aboim d'Assenção, tenente de cavallaria em commissão na guarda fiscal.

Na quinta-feira esteve aqui o sr. Francisco de Souza Faisca, da Patan, irmão do nosso amigo sr. José Faisca.

Na semana finda estiveram em Loulé os srs. Augusto Tribolet, estabelecido com papelaria em Lisboa; M. Teixeira de Carvalho, empregado do sr. J. P. de Mattos; Machado, empregado dos srs. Moreira da Silva & Filhos; Antonio José Vianna, representante do sr. Luiz Eugenio Leitão; Augusto de Carvalho, representante da casa Godfrey Isaacs & C.<sup>a</sup>, de Lisboa.

Tambem aqui esteve na quarta-feira o nosso assignante sr. Manoel Pedro Coelho, de Benafim Grande.

Tem lugar hoje em Quarteira a festa de N. S. da Conceição, havendo missa cantada por musica vocal e instrumental, sermão e em seguida precissão.

Hontem houve cavalhadas de tarde e na noite dança e fogos d'artificio, tocando a todos estes actos a philarmonica *Artistas de Mínerva*, d'esta villa.

Corre o boato de que, existindo duas vagas de pares vitalicios, serão ellas preenchidas pelos srs. Emygdio Navarro e Pedro Victor.

Realmente o ministerio actual não poderia encontrar dois nomes que mais se harmonissem com o seu modo de proceder, e que estivessem mais á altura de ser elevados a tal dignidade.

E depois que o sr. Dias Ferreira nomeou par vitalicio o *senhor da fonte da pipa* tornava-se necessario estabelecer o *pendant* na camara alta.

Ora se taes nomeações se derem, como dizem, fica tudo muito lindo e completo e a escolha é acertadissima.

Depois dos bellos feitos praticados pelo sr. Emygdio Navarro, como nosso ministro em Paris, nada mais coherente do que a sua nomeação para par vitalicio.

Ou este governo não fosse o *rei da coherencia e da justiça* e não pautasse todos os seus actos pela *mais severa moralidade*.

São perfeitamente dignos uns dos outros. O diabo são as favas pretas e o voltar das costas de muitos verdadeiramente dignos pares.

O nosso amigo sr. Francisco Candido de Souza Barros e sua esposa foram passar o mez de outubro para Albufeira, em casa de seu irmão e cunhado sr. José R. S. Barros.

Pediu a exoneração do cargo de consul de Portugal no Rio de Janeiro o sr. dr. Sebastião Rodrigues Barbosa Centeno.

O ex-governador civil d'este districto sr. dr. Matheus Teixeira de Azevedo, foi nomeado juiz do 1.º districto criminal de Lisboa.

Sob a regencia do sr. João Garcia de Barros, contra-mestre reformado, acaba de se fundar em Lagos uma philarmonica, cujos ensaios proseguem com a maior actividade afim de o mais breve possivel se apresentar em publico.

Acaba de ser collocado em caçadores 8 o capitão de infantaria sr. Francisco José de Barros, natural d'esta villa.

Recebemos o n.º 19 do *Amphion*, revista quinzenal de musica e theatros, que traz o retrato do insigne violonista Julio Caggiani, que ainda ha bem pouco tempo o Algarve teve occasião de applaudir em varios concertos, quando, com o celebre pianista Vianna da Motta, fez uma *tournee* por esta provincia.

Julio Caggiani, que conta hoje 32 annos de idade, apresentou-se pela primeira vez ao publico aos 9 annos de idade, tomando parte n'um concerto com o distincto pianista Emilio Lamy, tocando uma phantasia com muita perfeição, digna de ser admirada n'uma creança que contava apenas 9 annos.

Um grupo de artistas do theatro *Gil Eannes*, de Lagos, deu no passado domingo uma recita n'aquelle theatro levando á scena o drama em 3 actos—*O advogado da honra*—a comedia—*O tio Matheus*—e a cançoneta comica—*A salada*.

Tem estado doente o nosso amigo e assignante sr. Manoel de Brito da Mana, dos Quartos.

Estimamos as suas melhoras.

Está aberto concurso para o provimento da igreja parochial de Nossa Senhora da Visitação de Alfentes da Guia, concelho de Albufeira.

Continua ainda doente, em Santa Barbara de Nexe, a estremecida mãe do sr. padre J. Alves da Costa, ajudador em Albufeira.

Desejamos promptas melhoras.

O sr. Luciano Cabrita, nosso collega do *Futuro*, de Olhão, entrou em convalescença de uma grave enfermidade que ultimamente o acommetteu. Muito estimamos.

Consta que brevemente apparecerá em Faro o *Echo do Algarve*, semanario religioso e litterario, redigido por alguns alumnos do Seminario d'aquelle cidade.

**ECCOS SOLTOS**

Noite d'inverno. A chuva corre a tremular na penedia.  
A luz da lua ao longe morre;  
ao prepassar da velha torre  
murmura o vento uma agonia.

Uma cabana; não tem luz;  
não ha brazido pelo lar  
porém ha lagrimas a flux;  
gritam lá dentro por Jesus...  
prantos e dôr... luz e pezar.

—Vento que passa sem ter nome,  
que da cabana vens tambem:  
Que dôr ha ali? o que os consome?  
—Uma creança morta á fome  
sob o olhar da pobre mãe.

Noite de festa. A lua brilha.  
Ha sons de musica no ar;  
ri-se a ignorancia maltrapilha  
com a pobreza, a cara filha,  
ao ver os mais que vão gosar.

Eis um palacio illuminado.  
Fogo e prazer... vinho e calor...  
ha muito cerebro arruinado,  
ha muito homem embriagado...  
ha cortezãs... vinho e amor!

Beber, folgar; gosar... eu sei!  
Grande prazer... doces desmaios!  
—Brisa nocturna o que ha, dize?  
—Um animal que nasceu rei,  
dando um festim aos seus lacaios.

C. S.

**Almodovar, 29-9-94.**

Ainda se não presenciou n'esta villa um mais unisono clamor de despeito, odio ou desgosto do que aquelle que acaba de invadir os almodovarenses, pelo despalante, malvadez e falsidade com que elles são tratados por um *soit disant* correspondente da *Vanguarda*, n'um communicado inserto n'aquelle jornal, no seu n.º de sabbado, 22, attinente ao tratamento que n'esta villa foi dispensado ao 2.º batalhão d'infanteria 15, na sua passagem por aqui.

Infame elle, o noticiaria. Quem tratou aqui mal qualquer praça ou official, quem? Só no cerebro doentio de qualquer *animalculo* se podia gerar tão calumniosa idéa!

Lavra, pois, n'esta villa, e com a mais justa razão, a maior animadversão contra o estravagante auctor de tão disparatada tolice.

—Segue hoje de tarde em direcção a Albufeira (Algarve) o sr. Antonio Alves da Costa, proprietario e capitalista, onde vaé buscar sua ex.<sup>ma</sup> filha, que ali tem estado a banhos.

Tambem d'ali retira para esta villa, onde tem a sua residencia, a honrada e bemquista familia Revez.

(Do nosso correspondente)

Como protesto contra o inqualificavel procedimento do governo saiu e foi distribuido em Lisboa um manifesto ao paiz, que por ser

um importante documento, em seguida transcrevemos:

«Em completa isempção de espirito politico e partidario, e como simples tentativa de rehabilitação perante o paiz, que sempre tem honrado a marinha de guerra portugueza com as demonstrações mais inequivocas do affecto que a esta consagra, e do apreço em que tem os seus feitos realizados a custo de mil sacrificios, vem esta mensagem a lume. Escripita ainda sob o deslumbramento de inesperada magua, não se afastará do respeito devido ás instituições, nem sequer irá procurar a sua mais ou menos proxima origem.

Limitar-se-ha a provar ao paiz que na historia da corporação da armada não ha manchas que perturbem a esplendorosa irradição da sua prestante actividade, nem jamais houve desfallecimento no defrontar com inverosimiveis difficuldades, geralmente ignoradas. E esta demonstração torna-se necessaria, para que inesperado asserto em muito alto diploma official não corra como verdade deprimente do merito e dos serviços da corporação da armada, e para que a nação possa confiar que ainda perduram o valor e o patriotismo, armando o braço dos que continuam reclamando o primeiro posto na avanca da dos defensores da patria.

No *Diario do Governo* de 2 do corrente mez lê-se na mensagem ao parlamento:

«Não menos merecedora d'esses disvellos é a nossa marinha de guerra, cuja corporação tão bem sabe, em regra, manter o brilho das tradições herdadas, mas cujo material carece de uma renovação, que por todos os motivos se impõe como impreterivel. Nesse sentido vos será apresentada uma proposta de lei, onde se buscam conciliar estas inadiveis necessidades com as circumstancias financeiras da nação, procurando nas colonias os recursos para reforçar a marinha de guerra, cujo destino é, no nosso paiz, principalmente subsidiario da administração ultramarina.»

Neste trecho da mensagem assumem altissima importancia duas proposições. Uma d'estas consiste em affirmar-se que o destino da marinha de guerra, no nosso paiz, é principalmente subsidiario da administração ultramarina; a outra diz, e com magua a repetimos, que a corporação da armada sabe «em regra» manter o brilho das tradições herdadas.

Consideremos aquellas singulares affirmações.

E' inegavel que o acerado laconismo da expressão governamental, resolvendo em duas linhas o difficil problema que se impõe a todas as nações maritimas, qual o da organização de suas forças navaes, e da adaptação aos varios e imprescindiveis serviços, vaé muito além de quanto poderia esperar-se, até mesmo após longa e persistente acção e reflexão de homens publicos. Causa verdadeiro pasmo essa decisiva resolução de um assumpto em que pesam não só interessantissimas questões de ordem interna, e em primeira plana a da defesa do territorio da patria, como outras filiadas na ordem das relações internacionaes, que por seu contingente caracter forçam a combinações eventuaes, por vezes, diversas das que anteriormente se fizeram, e em todo o caso determinantes de obrigações, que não é possivel illudir.

Mas, admitindo que sobrehumana lucidez póde definir tão rigorosa exactamente o que melhor convém no momento actual, qual é a maravilhosa suggestão que permite ler no futuro, como em livro aberto? Inconcebivel para nós; claro e evidente tudo para o redactor da mensagem. O peor é que a liquidación final do incidente faz-se á custa dos povos, que pagam com a ruina e com a vida as phantasias aereas dos illuminados politicos. Se tal perigo não houvesse, licito seria deixal-os entregues aos devaneios das suas imaginosas prosapias.

A parte este insolito resolver, que não merece mais larga consideração, seja-nos licito perguntar em que artigo da Constituição encontrou o redactor da mensagem, auctorisação para intimar ao exercito de mar que deponha as armas com que guarda a autonomia e independencia da Patria, mandando-o para situação que propositadamente diz ser subsidiaria, e como tal inferior na administração ultramarina. Em que paiz se viu degradação mais offensiva dos brios de classe, que jamais, note-se bem, jamais poz preço aos seus serviços, nem recebeu a ordem para marchar para o posto mais perigoso senão com a alacridade que vem naturalmente do brio inna-

to, que lhe impulsiona a alma.

Ah! se na batalha do Cabo de S. Vicente se houvesse proclamado a esquadra constitucional que o seu posto, depois da peleja, seria nos portos das provincias ultramarinas contendo as arremetidas do gentio, visto que a bandeira que foi ao cabo de Matapan já não pôde, em dia de combate no seculo XIX, ondular nos mares da Europa, talvez Nopier não contasse a insigne victoria, e a primeira rainha constitucional não encontrasse, em terras do continente, throno em que se sentasse. Hoje, já está esquecida a tradiçào, e a marinha, essa pobre marinha portugueza que ainda se orgulha quando em portos estrangeiros memora a sua heroica ascendençia, pôde servir apenas como policia em dominios ultramarinos, porque a par dos navios das nações cultas já não tem logar, que não lh'o dão os seus homens de estado. Triste desconsideraçào.

Mas não ha recursos, o erario está pobre, o material naval é carissimo. nos dirão os accommodaticios de bom sangue.

Pois bem, respondemos; menor é o orçamento da marinha da Dinamarca, e aquelle paiz tem esquadra que ha poucos annos soube fazer frente ás forças navaes da Austria e da Prussia; pobre é o erario da Grecia, e não obstante aquella nação dispõe de esquadra que é um elemento de valor na pendencia da questào do Oriente.

Nós não temos esquadra, é certo; e no entanto o paiz paga como se a tivesse, e o orçamento o demonstra. Veja-se onde está o mal, que não será difficil de encontrar, e descoberto que seja, venham as resoluções energicas, não como a que vota ao ostracismo a marinha e a afasta do seu posto de honra como combatente na primeira linha da defesa da Patria, mas como cumpre para que em caso algum possa dizer-se: a marinha de guerra portugueza findou.

Mas, se da facil resoluçào do problema da constituçào das forças navaes, vem, como fatal corollario, desconsideraçào que o paiz por certo repudia, ainda resta da mensagem ao parlamento outra proposiçào constituindo penosissima injustiça, e que não se affirma sem prova.

Se «em regra» a marinha portugueza mantem o brilho das tradições herdadas, claro é que, por excepção, algumas vezes deixou empanar o luzimento d'essas tradições, o que importa rebaixamento do seu brio, da sua instruçào ou do seu valor.

Onde e quando se deram essas excepções, uma só que seja?

Está affirmado o facto, embroa não esteja explicitamente definido. Contestaremos:

E' evidente que a referencia attinge as forças navaes portuguezas que ultimamente estacionaram na America do Sul. Não pôde haver sombra de duvida a tal respeito, nem vale a pena entrar na demonstraçào. Prosigamos, pois.

A acção do commandante das forças navaes portuguezas, na America do Sul, pôde ser considerada sob dois aspectos, como official de mar exercendo as funcções de commandante superior, e como accidental agente politico nas relações com o estrangeiro.

Sob este aspecto, o seu criterio, melhor ou peor applicado, desliga-se inteiramente da funcção naval que exercia, e por forma alguma pode attingir, quanto ás responsabilidades derivadas, as guarnições sob seu commando, absolutamente estranhas a quanto se tratava. Elle, e só elle, é responsavel pelo acerto do seu procedimento politico, e bom ou mau que fosse, só a elle cabe por tal motivo a gloria ou o vituperio.

As guarnições passam intangiveis como quem somente deve sujeição ás ordens recebidas.

Foi sempre esta a doutrina recebida, nem podia ser outra. Quando Torrington, desobedecendo ás ordens da corte, offereceu a Tourville, em frente de Beachy Head, um combate parcial, no qual as forças inglezas foram bastante maltratadas, quem ousou dizer que a marinha britanica tinha deixado empanar n'aquelle combate a tradiçào gloriosa de Hughes e de Drake? Ninguém; somente o politico Torrington era responsavel.

Quando Lyons sahio de Spithead para o Baltico levando a mais poderosa esquadra de Inglaterra, e voltou sem que os costados das suas alterosas naus se tivessem medido com as muralhas de granito de Cronstadt, quem ousou dizer que as forças navaes inglezas haviam deixado marear o brilho das tradições de Jervis e de Nelson? Ninguém, por certo; e contudo se houve falta ou tibieza, e n'este caso, na funcção propriamente naval da es-

quadra, só o almirante podia ser julgado responsavel.

E assim sempre, e em infinitos casos. Como é, pois, que por hypothetico desacerto politico committido pelo commandante da divisào naval portugueza, se lança sobre toda a marinha de guerra nacional a accusaçào de haver esquecido as gloriosas tradições herdadas? Não pode haver subtileza d'argumento que desvaneca a certeza de haver sido injustamente aggravada com taes palavras a Armada Nacional.

E tanto mais flagrante é este agravo que, sabia-o o paiz, e diga-se em honra de todos que cooperaram no feito, a viagem das corvetas *Mindello* e *Affonso d'Albuquerque*, do Rio para Montevideu, tendo cada uma a bordo 250 emigrados, no estado de deploravel conservaçào em que se encontravam os navios, e atravessando o tempestuoso mar que bate as costas do territorio da Plata, na epoca do equinoxio, é um dos mais brillantes e audazes committimentos entre os das recentes viagens dos navios de guerra portuguezes, e seria sempre memorado nas marinhas de todas as nações.

Ao paiz pode, portanto, affirmar a Corporaçào da Armada que hoje, como sempre, a encontrará conscia do seu dever e intemerata na presença de todos os perigos, mantendo sem desfalecimento a bandeira gloriosa que em todos os mares se illustrou por feitos da mais arrojada audacia. Que o paiz lhe faça justiça. *Suum cuique.*

### Exportaçào de cortiça

No dia 1 de outubro, no Galicia, O. Herolds & C.<sup>a</sup>, 9 saccas de rolhas. Para Hamburgo, no Coimbra, Perry Vidal, Filhos & Santos, 5 saccas Para Rotterdam, no Juno, O. Herolds & C.<sup>a</sup>, 50 fardos de cortiça. Para Copenhague, no Tejo, Kuhner & C.<sup>a</sup>, 90. Para Riga, no Sennoek, Companhia de Cortiças de Portugal, 250.

No dia 2, para Leith, no Starley, Companhia de Cortiças de Portugal, 170 fardos. No Fluminense, Peray Elles, 65. Para Londres, no Galicia, Serrão Street & C.<sup>a</sup>, 25 saccas de rolhas. Para Anvers, no Montanez, Companhia de Cortiças de Portugal, 300 fardos de aparas de cortiça.

No dia 3, para Leith, no Starley, G. Reynolds, 17 fardos. Para Riga, no Sennoek, Companhia de Cortiças de Portugal, 200. Para Guimper, no Hypolite, Companhia de Cortiças de Portugal, 270. Para Liverpool, no Flamarion, W. Rankin & Sons, 50. Para Londres, no Montanez, O. Herolds & C.<sup>a</sup>, 50 fardos de cortiça e 32 saccas de rolhas. Para Marselha, no S. Marc, E. George, 7 saccas de rolhas. Para Bordeus, no Stanley, Villariño & Sobrinho, 50 fardos. Para Rotterdam, no Hero, H. Bucknall & Sons, 180. Para Riga, no Lennoek, Companhia de Cortiças de Portugal, 250 fardos de cortiça em prancha. Para Leith, no Stanley, H. Bucknall & Sons, 50 fardos. Para Liverpool, no Flaminiam, Peray Elles, 50 saccas de rolhas.

No dia 4, para Bremen, no C. A. Badeterrão, Street & C.<sup>a</sup>, 130 fardos. Para New-York, no Overnum, Henry Bucknall Sons & C.<sup>a</sup>, 85. Para Marselha, no Saint Marc, O. Herolds & C.<sup>a</sup>, 32 caixas de quadros de cortiça. Para Liverpool, no Flaminian, Companhia de Cortiças de Portugal, 80 fardos de cortiça em prancha. Para Londres, no Montanez, Mascarenhas & C.<sup>a</sup>, 5 saccas de rolhas. Para o Rio de Janeiro, no Nova União, José de Souza Faria, 200 saccas de rolhas.

**Methodo gradual de calculo** por Branco Rodrigues.—Collecção de 8 cadernos de arithmetica que se vendem separadamente por 30 réis cada um.—Caderno de *Gyometria Synthetica* impresso em papel stigmographado por BRANCO RODRIGUES. Preço 30 réis. Segundo o programma official dos exames de instruçào primaria. A venda nas livrarias. Envia-se pelo correio a quem os requisitar aos editores A. Ferreira Machado & C.<sup>a</sup>—Rua da Saudade, 2. LISBOA.

### Contribuiçào industrial

Lei de 28 de junho de 1894, o respectivo Regulamento, approvados por decreto da mesma data, contendo as tabellas necessarias, taxas segundo as ordens das terras, etc.

Acha-se publicada esta obra, cujo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriaes, fabris, commerciaes, artes e officios. Estudando-a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitar injustiças e agravos tributarios. A edi-

ção é sobremaneira economica, e por tão diminuto preço é a **única** que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 réis.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 240 réis, em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.<sup>o</sup>—LISBOA.

LOULÉ—TYP. DO LOULETANO

## ANNUNCIOS

### EDITAL

A commissào de recrutamento do concelho de Loulé.

FAZ publico que no dia 1 de novembro de 1894 se procederá, perante esta commissào, e conforme o determinado nos art.<sup>os</sup> 53 e seguintes da lei de 12 de setembro de 1887, e mais disposições em vigor, ao sorteio dos mancebos para o serviço naval e do exercito, formando-se em seguida as listas dos contingentes para o serviço activo, para a marinha de guerra e para a 2.<sup>a</sup> reserva, em conformidade do disposto no artigo 64 da citada lei.

E para conhecimento de todos os interessados, será este affixado nas portas das egrejas parochiaes e nos logares mais publicos e do costume.

Loulé, 4 de outubro de 1894.

O presidente da commissào,  
José da Costa Mealha.

### HOTEL DAS NAÇÕES

LARGO DA MAGDALENA, 85, 1.<sup>o</sup> E 2.<sup>o</sup> ANDAR  
LISBOA

N'este hotel, um dos bem acreditados da capital, encontram os srs. viajantes, pelo preço de 17000 réis por dia, um bom tratamento e quartos com o maior asseio.

O PROPRIETARIO,

Luiz Augusto Brandão

### AOS FUMADORES

PAPEL DEL CABALLO DE ORO

O papel **Del Caballo de Oro**, além de ser muito fino e de grande solidez, é superior a todos os conhecidos até hoje. Na sua fabricaçào não entra o chloro nem quaesquer outros acidos nocivos á saude, tendo por isso tanta suavidade que o torna sumamente recommendavel.

O papel **Del Caballo de Oro**, reúne pois todas as boas qualidades que os fumadores possam desejar; é fino, forte, de combustào lenta e suave ao paladar.

Usai pois o papel—DEL CABALLO DE ORO.

UNICO DEPOSITO EM PORTUGAL

Manoel Rodrigues Corrêa

LOULÉ

### PARCERIA DE MADEIRAS FARENSE

10, Largo da Magdalena, 10

FARO

Recebeu, directamente da Suecia, um carregamento de madeira de casquinha, de 1.<sup>a</sup> qualidade e de diversas dimensões, que vende a preços sem competencia.

### BARATISSIMO

A redacção do *Jornal d'Annuncios*, de Tavira, acaba de publicar e tem á venda, pela modica quantia de 120 réis, o interessante livro intitulado — *Memorias dos desastrosos acontecimentos d'Albufeira, por occasião da invasào dos guerrilhas em julho de 1833.*

E' illustrado com o brasão d'armas d'aquella villa.

### CARVÃO COKE

1.<sup>a</sup> QUALIDADE

Das Companhias de Gaz e Electricidade, vende a 140 réis cada 15 kilos.

Manoel Rodrigues Corrêa  
LOULÉ

### SEBASTIÃO CORPAS

COM ARMAZEM DE CEREAES E ESPARTO NO LARGO DE S. FRANCISCO  
LOULÉ

PARTICIPA aos seus antigos e numerosos frateros que acaba de sortir os seus armazens com os seguintes generos:—fava, cevada, milho, trigo, feijão, grão de bico, farinha, farello, esparto, etc., tudo por preços convidativos.

### FRANCISCO SIMÕES COUTINHO

3—RUA DOS CAPELLISTAS—5

Folha de Flandres de todas as qualidades, chumbo em barra, zinco, estanho, folha de ferro ondulada para telhados, arco de ferro, sortimento completo de ferragens e quinquerias tudo por preços sem competencia.

Azeites finissimos de procedencia de Abrantes e Castello Branco, por atacado e a retalho

### ARMAZEM DE FERRAGENS

### QUINQUILHERIAS

DE

Valenim, Machado & C.<sup>ia</sup>

6—RUA DOS DOURADORES—6

(sobre-loja)

LISBOA

### MADEIRA

Já terminou em Faro a descarga, para os respectivos armazens, do navio «Iduna» vindo directamente da Suecia com um carregamento completo de madeira de casquinha de 1.<sup>a</sup> qualidade, que se vende por preços excepcionaes.

Grandes abatimentos para compras por grosso.

Aproveitem, pois, a occasião.

Pedidos a

Manoel Rodrigues Corrêa

LOULÉ

### VENDA DE CASAS

Quem pretender comprar dois predios de casas, um sito na rua de Portugal e outro na rua Ancha, dirija-se á viava de José Guerreiro Filho ou a seus herdeiros, Loulé.

1894-1895—3.<sup>o</sup> anno de publicação

### GAZETA DE NOTICIAS

FOLHA PORTUENSE—POLITICA, NOTICIOSA, LITTERARIA E DE CRITICA

Collaborada por distintos escriptores e jornalistas:— Drs. Fialho d'Almeida, Mello Freitas, M. Ribeiro de Figueiredo, Gonçalves de Freitas, Alves Mendes e João de Deus, e Bulhão Pato, Gervasio Lobato, Fernando de Lacerda, L. d'Araujo, Barão do Cadore, etc.

DIRECTOR—Daniel d'Abreu, junior

PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS

Preço da assignatura para Portugal  
Anno—500 réis

Não se aceitam assignaturas que não venham acompanhadas do seu importe.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a rua da Alegria, 575—PORTO.

COMPANHIA DE SEGUROS

**TAGUS**

FUNDADA EM 1877

SOCIEDADE ANONYMA  
de responsabilidade limitada

CAPITAL 1.200.000\$000 RÉIS

Sede em Lisboa, rua da Alfandega, 160-1.º

Effectua

**SEGUROS TERRESTRES**

contra fogo casual ou procedido de raio e explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos, em todo o reino, e

**SEGUROS MARITIMOS**

contra avaria grossa e particular.

o agente em Loulé,  
Manoel Rodrigues Corrêa.

**ATENÇÃO**

PABLO GARCIA DELGADO, com estabelecimento de fazendas de algodão, linho, seda e lã, participa a todos os seus freguezes e ao publico em geral, que acaba de receber um bonito e variado sortido de fazendas proprias para a estação de inverno tanto para senhoras como para cavalheiros:

Consta de setins-ricos-escocozes, irenes, chita fina s, primaveras, lãs e sedas para vestidos, tudo da ultima novidade.

Casemiras, cheviotes, meltons e picotilhos para fatos d'homem, fazendas lisas para capas de senhora e castorinas para vestidos, de cujo artigo comprou um grande saldo que vende por preços sem competencia!

Lenços de seda em todas as côres, lenços de cach-nez de lã, em todos os tamanhos.

Lenços de malha em todos os tamanhos qualidades, que vende por preços excessivamente baratos.

Pede que visitem o seu estabelecimento situado na rua de S. Sebastião, n.º 68, 70, 72, 74, e Largo da Barbacam, 10 e 12.

Aproveitar, pois.

**GUIA**  
DOS

**CORPOS ADMINISTRATIVOS**

CONTENDO O DECRETO  
DE 6 DE AGOSTO DE 1892  
QUE APPROVOU

**A Reforma Administrativa**  
E TODAS

As alterações que tem soffrido o Codigo Administrativo de 1886, desde a sua publicação até ao presente, dispostas pela ordem dos artigos do mesmo codigo.

Publicação util a todos os presidentes, ves readores e secretarios das camaras municipaes, administradores de concelho, membros das commissões districtaes, das juntas de parochia e em geral a todas as pessoas que tratam de negocios administrativos.

**PREÇO 200 REIS**

Pedidos ao edictor A. J. Rodrigues  
RUA LUZ SORIANO, 100, 1.º

**TYPOGRAPHIA**

DO

**LOULETANO**

Esta typographia, que acaba de se instalar n'esta villa, está montada em condições de satisfazer a todas as encomendas taes como: proenrações, ordens e mandados de pagamento, attestados, autoações, recibos, quitações de foros, participações de casamento, envelopes e papel timbrados, e todos os impressos para repartições publicas, etc.

CARTÕES DE VISITA EM BRANCO

100-400 réis, 50-240, 25-160

CARTÃO DE LUTO

N.º 1- 100-500 réis, 50-300, 25-200

N.º 2- 100-600 réis, 50-350, 25-250

N.º 3- 100-700 réis, 50-400, 25-300

N.º 4- 100-800 réis, 50-450, 25-350

Garante-se o bom cartão, a promptidão nitidez, por isso que esta officina tem boas machinas e typo novo.

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



**GOMES VI**

ESTE novo e excellente vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa impreterivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sair em 6 e 21.

**GOMES IV**

**CARREIRA SUPPLEMENTAR**

ESTE já conhecido vapor acaba de inaugurar a sua carreira entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as accommodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerece aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4\$000 réis; 2.ª classe, 3\$000 réis; 3.ª classe, 2\$000 réis.

Agente em Faro,

João Pereira d'Almeida.

**GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA**

DA BEM CONHECIDA CASA

**MEMORIA**

DE

**SANTOS BEIRÃO & C.ª**

LISBOA



UNICOS vendedores da machina **Memoria**, que é, sem exagero, a melhor machina, mais perfeita e mais elegante de todas até hoje conhecidas.

Machinas para sapateiro, alfaiate e fazer meias, de varios systemas.

Vendas a prompto pagamento e a prestações. Ensino e concerto gratis.

Encarrega-se de satisfazer qualche pedido de velocipedes e bycecles, para o que apresenta os respectivos cathalogs.

**Estabelecimento** e armazem de fazendas de lã, linho, algodão e seda  
LEITOS DE FERRO E LAVATORIOS

**AGENCIA DA**

**COMPANHIA DOS TABACOS DE PORTUGAL**

NOS CONCELHOS DE

**LOULÉ E ALBUFEIRA**

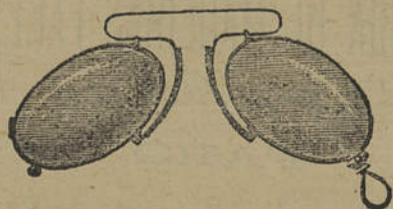
Vendas nas mesmas condições que a referida companhia. Depositos em Albufeira, Alte, Ameixial, Boliqueime, Paderne e Salir.

**ARMAZEM DE VINHOS**

Vinagre, azeite, aguardente, farinhas, cereaes, esparto, palma, petroleo, sabão, phosphoros e obra d'empreita.

**MERCEARIAS E DROGAS**

**Ferragens, tintas, candieiros, relógios, louças, vidros, perfumarias, quinquilherias, bijouterias, assucar em quadrados para chá ou café e outros artigos de novidade.**  
(Especialidade em chá, café e chocolate)



Grande e completo sortido em  
**OCULOS E LUNETAS**

de todos os graus

ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS, Por preços modicos

**LOULÉ**—Manoel Rodrigues Corrêa.

NOVA MERCEARIA  
DE

**J. M. CAMPOS**

RUA DA CONCEIÇÃO  
**LOULÉ**

Participa aos seus amigos e freguezes que acaba de receber novamente no seu estabelecimento de mercearias um completo e variado sortido de generos de primeira qualidade, taes como: assucar, manteiga, farinha, genebra, cognac, licores e diversos artigos de quinquilherias, que vende por preços reduzidos.

**PHOSPHOROS**

**Amorphos, cera e enxofre**

FABRICA DA

**Companhia Nacional de Phosphores**

Unica que apresenta o artigo tão aperfeiçoado e por preço sem competencia.

DEPOSITARIO

**JULIO MARQUES DA SILVA**

RUA MARQUES DA SILVA, 7 (A ARROYOS)  
LISBOA

**HALL'S LINE**



**Linha de vapores inglezes dos srs. John Hall Jun & C.ª, de Londres.**

Carreira semanal para Londres, tocando no porto de Faro todas as sextas-feiras, pela quantidade minima de duas barcas de carga.

Dirigir-se ao agente em Faro,

João P. d'Almeida.

**VENDE-SE**

Um predio de casas terreas no Alto de S. Domingos, d'esta villa, com dois armazens, cavallariça e palheiro, quintal com poço e varanda.

Quem pretender dirija-se a José Antonio de Souza Leal Grillo.

**IMPRESSOS**

Acham-se á venda n'esta typographia impressos para Mappas estatísticos do movimento parochial mensal, a 100 reis cada caderno.

**PREDIOS RUSTICOS**

Vendem-se os seguintes predios rusticos:

Uma propriedade no sitio de S. João da Venda, freguezia de S. Lourenço d'Almancil, concelho de Loulé, que se compõe de tres montes, arribana, lagar de azeite, horta, vinha e terrenos de sementeira com alfarrobeiras, oliveiras, figueiras, amendoeiras e alguns sobreiros,

Uma porção de terreno com pinheiros no mesmo sitio.

Duas porções de terreno com matto e alfarrobeiras; uma no sitio dos Caligos, freguezia de S. Lourenço d'Almancil, proximo da primeira d'estas propriedades, outra no sitio da Falfosa, freguezia de Santa Barbara, concelho de Faro.

Uma fazenda no sitio do Bingal, freguezia de S. Pedro, concelho de Faro, com tres montes, vinha, terrenos de sementeira, figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras.

Uma fazenda no sitio do Serro do Bruxo, freguezia de S. Pedro, concelho de Faro, com um monte, arribana, vinha, figueiras e terras de sementeira.

Uma fazenda no sitio do Alto do Calhau, freguezia de S. Pedro, concelho de Faro, com um monte, terras de sementeira, figueiras e vinha.

Uma porção de terreno com figueiras no mesmo sitio.

Quem pretender adquirir qualquer d'estes predios deve dirigir-se a D. Thereza Carolina de Mattos Sanches—FARO.

**HOTEL AVENIDA**

PRAÇA, 28—LOULÉ

ESTE hotel recentemente montado, está nas condições de servir bem todos os seus freguezes.

Tambem se encarrega de jantares, lunches, ceias, quer no hotel, quer em qualquer sitio que lhe seja determinado.

Pede a protecção do respeitavel publico o seu proprietario

MANOEL DE SOUZA VINTEM.

**HOTEL MARQUES**

POR CIMA DA «ARCADA DA PRAÇA»

**LOULE**

**Permanece aberto** e optimamente servido este antigo e acreditadissimo estabelecimento, onde todos os seus freguezes continuarão a encontrar, a par do extremo acceio dos quartos, um magnifico serviço de mesa e a maxima modicidade de preços.